

Metodologias para diferentes fontes históricas

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Refletir sobre os diferentes tipos de fontes históricas.
- Identificar as metodologias próprias a cada tipologia de fonte.
- Utilizar tipos diferentes de fontes em pesquisas históricas.
- Selecionar a metodologia adequada à seleção das fontes para realização da pesquisa.

ROTEIRO DE ESTUDOS

- SEÇÃO 1 - Introdução
- SEÇÃO 2 - Análise de textos escritos
- SEÇÃO 3 - Imagens (fixas e em movimento)
- SEÇÃO 4 - História oral e depoimentos
- SEÇÃO 5 - Objetos e cultura material

UNIDADE IV

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Procedimentos. Esse é o foco da unidade que se inicia. Procedimentos relativos à coleta e interpretação de fontes históricas. Agora você avançará mais um passo na construção de seu projeto, ao refletir sobre o referencial metodológico a ser utilizado de acordo com cada tipologia diferente de fonte que você escolheu para construção de seu objeto. O objetivo central desta unidade é familiarizar você com os diferentes tipos de fontes históricas existentes e possíveis para realização de uma pesquisa em história. Muito desse conhecimento se deve ao modo como as fontes foram produzidas e às especificidades de cada uma.

SEÇÃO 1 INTRODUÇÃO

As manifestações humanas, que, como já citado anteriormente, tornam-se objeto para o historiador, deixam pistas que podem ser entendidas através de linguagens escritas, imagens paradas ou em movimento, objetos, depoimentos, edificações etc. Ou seja, existe uma gama muito grande de registros esperando para serem operados, e as narrativas sobre eles, reconstruídas. E, para cada tipo de fonte, ou para os vários tipos de fontes a serem analisados, existem metodologias específicas. Você não pode trabalhar com um depoimento ou uma entrevista da mesma forma que tratará uma fonte oficial, um documento institucional, por exemplo. Todos os registros são fontes, mas a linguagem e as representações sobre cada tipo são diferentes. Por isso, cada modalidade requer uma metodologia diferenciada. É necessário pensar sobre as formas de apropriação desses documentos e seus procedimentos e técnicas.

Bloch alertou: “Uma ciência, entretanto, não se define apenas por seu objeto. Seus limites poder ser fixados, também, pela natureza própria de seus métodos” (BLOCH, 2001, p. 68). As fontes também são

construções que expressam as intenções de quem as produz. Isso de maneira consciente, ou inconscientemente. Observe o exemplo a seguir, dado por Marc Bloch a esse respeito.

Um comandante de exército, suponhamos, acaba de obter uma vitória. Imediatamente, começa, de punho próprio, a escrever seu relato. Concebeu o plano de batalha. Dirigiu-a. Graças à medíocre extensão do terreno [...] ele pôde ver a refrega quase toda se desenrolar sob seus olhos. Entretanto, não duvidemos: sobre mais de um episódio essencial lhe será forçoso referir-se aos relatórios de seus tenentes, por sua vez, numa larga medida estabelecida com a ajuda de informações expedidas por subalternos. No que, aliás, ele só fará se conformar, transformando em narrador, ao próprio comportamento que teve, algumas horas mais cedo na ação. Para coordenar a cada momento os movimentos de suas tropas nas vicissitudes do combate, de que informações terá melhor se servido: das imagens mais os menos confusamente entrevistas através de seu binóculo ou dos relatos que traziam, rédeas soltas, estafetas ou ajudantes de campo? Raramente um líder consegue ter a si mesmo como sua própria testemunha. Entretanto, até numa hipótese tão favorável, o que resta da chamada observação direta, pretendo privilégio do estudo do presente? [...] Toda coletânea de coisas vistas é, em uma boa metade, de coisas vistas por outro. [...] O que me fornecem elas senão, mais ou menos inabilmente expressa, a imagem que meus interlocutores formam do que acreditam eles mesmos pensar ou aquela que pretendem me apresentar de seus pensamentos. (BLOCH, 2001, p. 69-70).

Esse fragmento, retirado de *Apologia da História*, alerta para a questão da subjetividade, presente nas narrativas. Um equívoco muito comum no processo de pesquisa é descrito por VIEIRA no fragmento a seguir: "Na maioria das vezes [os pesquisadores] partem de uma visão de história que identifica a produção do conhecimento com um real que lhe é externo, não a percebendo como construção. Nesse caso, o que buscam é uma maior quantidade de dados que completem um conhecimento histórico 'objetivo', 'verdadeiro', que já estaria à disposição." (VIEIRA,

2002, p. 31-32). Como já foi discutido anteriormente, as fontes de pesquisa não falam por si, elas não contêm toda a história, e sua análise também não é sinônimo de que você conseguirá trazer à tona o real, bem como ocorrido no passado. Você também fará uma construção acerca do passado.

Nas palavras de VIEIRA,

o próprio fato de atribuir a palavra documento aos testemunhos históricos denota uma concepção de história que confunde o real com o documento e o transforma em conhecimento histórico. Apreender o real seria conhecer os fatos relevantes que se impõe por si mesmos ao conhecimento do historiador. Em decorrência só consideravam relevantes para a história aquilo que estava documentado e daí a importância dos fatos da política institucional: atos do governo, atuação de grandes personalidades, questões de política internacional etc. [...] Nessa linha de raciocínio, outros tipos de registro, tais como cerâmicas, moedas, fragmentos de tecidos, utensílios, armas, instrumentos musicais, detritos humanos, paisagem, só eram valorizados para se fazer uma história setORIZADA, como a história da arte, do vestuário, dos costumes, da música etc., ou na impossibilidade de trabalhar com documentos oficiais. (VIEIRA, 2002, p. 13-14).

Como você pode perceber no fragmento acima, já há algum tempo – desde a Escola de Annales, que você estudou em Teoria da História – a história incorporou novas tipologias de fontes em seu trabalho. Compreende-se, assim, a importância de ter métodos adequados para o tratamento e análise das diferentes tipologias de registro.

A escolha do método é tão relevante que imprime significância na construção da própria pesquisa. Outrossim, os dois se fundem no resultado dessa pesquisa. Uma história sem a reflexão metodológica necessária torna-se puramente descrição, compilação de dados. Também é a metodologia capaz de trazer o caráter acadêmico à pesquisa. Nisso reside sua relevância. O importante nesse ponto da pesquisa é definir quais os instrumentos necessários para encontrar as repostas para os determinados questionamentos já levantados, ou seja, através de qual método, ou quais métodos, você chegará aos apontamentos sobre seu objeto. Como aponta Carlos Bacellar (2010, p. 25), as “fontes documentais [são a] matéria-prima dos historiadores”.

Como dar conta de tantas fontes – cinema, música, fotografias, documentos oficiais, cartas, diários, entrevistas, literatura, construções, objetos e cultura material, entre outras – que demandam uma leitura de linguagens diversas? Todas elas requerem procedimentos de análise de

discurso diferenciados. A tradição historiográfica preconizava a fonte escrita e, ao mesmo tempo, colocava entraves para a incorporação de outras linguagens e fontes nas investigações que remetem a diversos tipos de relações sociais e produção humana.

Contudo, se você escolher trabalhar com cinema, aqui vai um alerta! Existem autores que apontam direcionamentos para pesquisar a partir desse tipo de linguagem. Nada que algumas leituras na área e dedicação ao trabalho de pesquisa não resolvam. Nem sempre escolher o caminho que é mais convencional e, muitas vezes o que representa maior segurança, necessariamente será o que resultará numa pesquisa de qualidade.

Cada tipo de fonte requer metodologia e tratamento específicos. Por sua vez, essas metodologias exigem esquemas explicativos para sua execução. Metodologias são procedimentos necessários para responder a uma **questão operacional**, que, por sua vez, pode demandar diversos procedimentos metodológicos. Por exemplo, num mesmo trabalho você pode usar procedimentos de história oral e procedimentos estatísticos cujas metodologias são diferentes, mas podem responder a questões operacionais formuladas a partir de objetivos específicos, como você já estudou anteriormente. Isso dará objetividade ao processo de produção do conhecimento histórico.

Um exemplo disso é a utilização da metáfora da picareta e da pá. Você não pode trabalhar a terra com uma picareta, pois esse instrumento não tem serventia para revolver a terra e deixá-la pronta para a sementeira. Tampouco, pode utilizar uma pá para quebrar pedras ou abrir um buraco no concreto. Cada instrumento possui sua utilização específica. Por isso, no caso das metodologias específicas aos tipos de fonte ocorre a mesma coisa.

A historiografia é passível da quebra de paradigmas continuamente (pelo que você pôde perceber estudando as disciplinas de Teoria da História e Produção do Conhecimento Histórico), assim também o volume, a quantidade de informações e a acessibilidade a essas informações são descobertos, o que, por consequência, gera o aperfeiçoamento das técnicas.

Cuidado com as generalizações: lembre-se de que história é especificidade. Não é aconselhável que você use determinada metodologia para tratar de um aspecto geral sobre o objeto. Cada caso é um caso. O discurso publicado em um jornal do início do século normalmente exige procedimentos de análise bastante distintos dos usados em história oral.

Você deve tratar cada discurso de maneira apropriada.

Além disso, não queira “reinventar a roda”. Tenha em mente a subsequência: você não será o(a) último(a) a tratar desse assunto e talvez outros pesquisadores já tenham considerado a mesma possibilidade (não no mesmo recorte espaço-temporal) que você. Escolha criteriosamente seu método, a fim de que o “mesmo seja compatível com a sua formação de historiador” (CARDOSO, p. 452). Por outro lado, adote “certa flexibilidade no uso do método escolhido, de modo a não cair prisioneiro de procedimentos que prejudiquem as interpretações históricas de fundo e a verificação das hipóteses de trabalho.” (CARDOSO, p. 542).

Acompanhe os casos explicitados a partir da seção seguinte, para compreender como ocorre a utilização das metodologias conforme o tipo de cada fonte.

SEÇÃO 2

ANÁLISE DE TEXTOS ESCRITOS

Muitas pessoas utilizam como fonte principal de sua pesquisa o documento escrito, contando com o fato de que encontrarão nele respostas diretas sobre o objeto. Não pense que utilizando as fontes mais convencionais o seu trabalho de análise e interpretação será mais fácil, ou que seus problemas com metodologias estarão resolvidos.

A primeira reflexão necessária para se trabalhar com esse tipo de fonte histórica é perceber a natureza e tipo de conteúdo desse registro. Trata-se de um livro? Jornal? Cartas ou documentos pessoais? Documentos de instituições públicas ou privadas? Ou seja, considere o **contexto de produção** de tal documentação. Você deve levar em consideração o universo que permeou o(s) autor(es)/produtor(es) de determinado texto/documento escrito, como também o canal/suporte de comunicação utilizado. Registre todas as informações que conseguir sobre essa produção (autor, data, local, contexto em que foi produzido/escrito etc.).

Posteriormente, você deverá analisar o texto propriamente dito, o conteúdo desse documento ou conjunto documental. Isso se faz através da

análise do discurso. De acordo com Cardoso,

a análise do discurso assim concebido [...] pode efetuar-se: pela semântica, teoria do conteúdo das significações ou, como agora passou a preferir-se, estudo das mencionadas significações que seja ao mesmo tempo gerativo (investimentos sucessivos de sentido em patamares diferentes), sintagmático (e não unicamente classificatório) e geral (não atado com exclusividade a um único sistema significante); ou pela semiótica, que se ocupa da expressão das significações e de sua produção, em outras palavras, em especificar como se chega a significar alguma coisa. (CARDOSO, 1997, p. 538).

Sendo assim, é necessário considerar que o documento sempre é portador de um discurso, uma construção, e não pode ser visto como algo que reproduz fielmente a realidade. Um texto, seja ele escrito ou imagético (que será abordado na próxima seção), não se dissocia de seu contexto de produção. Só assim você poderá apreender significações sobre ele, aliando sua forma ao conteúdo expresso. Contudo, lembre-se que você jamais poderá ter certeza do que o autor do texto quis expressar.

A história é sempre texto, ou mais amplamente, discurso, seja ele escrito, iconográfico, gestual, etc., de sorte que somente através da decifração dos discursos que exprimem ou contêm a história poderá o historiador realizar o seu trabalho. (CARDOSO, 1997, p. 541).

Um jornal, por exemplo, que é geralmente um veículo de comunicação diária, produz um volume de registros considerável sobre diversos aspectos da vida cotidiana: política, artes, sociedade, economia, página policial, esportes etc. Por mais factuais que pareçam as notícias de jornais, existe sempre um peso ideológico, político-partidário, socioeconômico e histórico na elaboração desse tipo de registro. A notícia é parcial, e os produtores da notícia demonstram isso através da produção da versão de um fato, seja ele qual for.

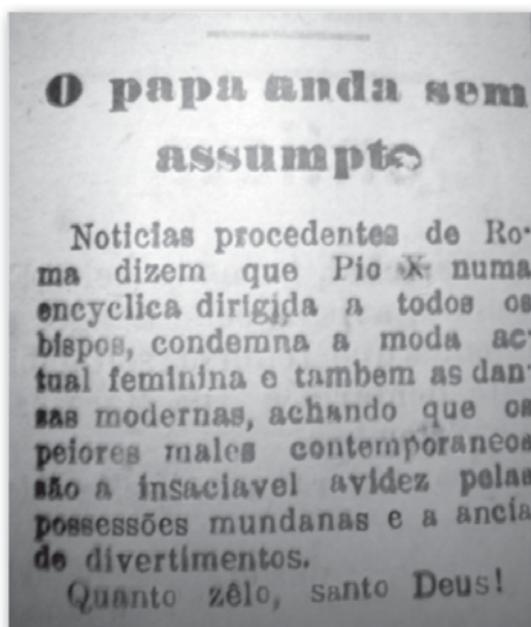


Figura 15 - Jornal Diário dos Campos, 10 fev. 1921, n. 2.765, p. 01.

Fonte: Acervo Casa da Memória Paraná.

Alerta-se que é necessário estar ciente de que valorizar a interpretação semântica do texto não é simplesmente recorrer às citações ilustrativas, realçando, aqui ou ali, as ideias e os significados que você pretende explorar. Isso expõe o pesquisador a tentações “positivistas” do tipo “deixar que o documento fale por si mesmo”.

Por exemplo: pense em chegar a um acervo de jornais, buscar todas as notícias que tratem da imigração holandesa no Brasil. Você se dará por satisfeito? Pensará: “Concluí minha pesquisa, explorei todas as notícias que havia nas fontes que escolhi sobre determinado período tempo. Agora é só transcrever todas as informações que se referem ao meu objeto de pesquisa, no trabalho de conclusão de curso”. Isso é apenas uma etapa da pesquisa. O contexto de produção é muito mais amplo. Ainda utilizando o exemplo acima, você deve perguntar às fontes: quem escreveu? Qual a ligação dessa pessoa/instituição/meio de comunicação com seu objeto de pesquisa?

Entre as possibilidades para análise de documentos escritos estão a crítica externa e a crítica interna dos documentos. Primeiramente, a **crítica externa** refere-se à análise da forma do documento em si. Contempla a verificação de sua autenticidade, no sentido de perceber ou determinar se o documento é verdadeiro ou falso, se é uma cópia ou trata-se de um original; ou, ainda, se é cópia, qual é seu suporte (impresso ou digital, por exemplo. Nesses casos, analisar se o documento passou por algum tipo de alteração). Além desses aspectos, relacionados acima, também cabe à crítica externa analisar a proveniência do documento, contando com dados como autoria, local e data de produção ou elaboração.

Feita essa coleta de dados inicial, passa-se à segunda etapa, que é a **crítica interna** do documento. Essa análise deve conter aspectos a respeito da credibilidade do **conteúdo**, diferentemente da crítica externa, que analisa a forma. Deve-se fazer uma cautelosa leitura do texto escrito ou imagético para que se proceda à interpretação de seu conteúdo. Alguns autores definem a interpretação e argumentação sobre o conteúdo com o termo hermenêutica, que, de modo bem simplificado, significa interpretação e argumentação sobre determinado conteúdo de texto. Deve-se questionar o documento para perceber o que o autor disse, o que queria transmitir, qual o contexto dessa produção em que o autor/produtor do texto estava inserido.

Se possível (no caso de existirem e estarem disponíveis), você deve comparar o discurso (crítica interna) com o de outros documentos/fontes

que existam sobre o mesmo período e pode argumentar sobre as eventuais semelhanças e diferenças no texto de sua pesquisa.

Mas, cuidado! Um campo muito delicado é a exploração inicial de documentos, especialmente dos mais antigos. Tanto quanto a busca exploratória via internet pode nos “atolar” em milhares de arquivos, também a busca de documentos pode acarretar uma montanha de papéis que, em curto espaço de tempo, terão que ser dispensados para que a pesquisa siga o seu curso. Seja seletivo e somente solicite um exemplar ou faça cópia, em caso de relação direta com o objeto em construção; caso contrário anote as referências, os contatos, a forma de obtenção e volte posteriormente, quando sua segurança em relação à necessidade do material estiver melhor definida.

Atenção especial deve ser dedicada aos documentos mais antigos, pois, em geral, são os mais apaixonantes e exigem mais esforço para serem obtidos e preservados. Assim, a tendência será tentar encaixá-los na pesquisa mesmo que não respondam diretamente às nossas necessidades.

De toda forma, embora preciosas, nenhuma abordagem exploratória deve ser analisada de forma rígida e muito detalhada durante essa fase de pesquisa. Lembre-se: na fase exploratória você deve proceder como alguém que procura e se mantém alerta para assimilar todas as pistas que o(a) levem à definição de sua problemática. Entretanto, tal postura exige atenção para não se perder com indicações em todos os sentidos e tampouco se fechar em indicações em apenas uma direção. O mais importante é estar aberto para ouvir seletivamente e nunca se contentar com uma só mensagem, procurar discernir as dimensões de sua problemática e como abordá-la.

SEÇÃO 3

IMAGENS (FIXAS E EM MOVIMENTO)

Imagens fixas

No trabalho com imagens, a interpretação mais comum que se faz delas é a de que correspondem ao real. Entretanto, deve-se pensar em imagens, (sejam elas fotografias, pinturas ou filmes) como representações de um real

imaginado por alguém, em determinadas condições sócio-históricas. A imagem tem uma linguagem muito própria para comunicar uma mensagem. Ela nos remete a outras tantas em nossa mente. O processo mais usual de análise de imagens denomina-se **Semiótica**.



A Semiótica é uma ferramenta de análise de imagens, muito utilizada em estudos na área da Comunicação. Entretanto, nas últimas décadas tem sido cada vez mais utilizada por historiadores com interesse na análise de imagens. É entendida também como teoria geral dos signos, que, por sua vez, são representações, sinais de um objeto ausente (por exemplo: o quadro de Monalisa é um signo na medida em que a mulher, a Monalisa em si, não está contida nele. É apenas uma representação. Signo, portanto, é um símbolo presente referente a uma coisa que está ausente).

As principais contribuições no campo da semiótica estão expostas nas obras de Ferdinand de Saussure e Charles Sander Peirce. Pautam-se em seus estudos, por exemplo, Roland Barthes e Umberto Eco. A semiótica se aplica a diversos suportes de imagens, como pinturas, esculturas, desenhos, fotografias, audiovisuais, imagens digitais, entre outros. É a semiótica que analisa o propósito e o sentido da imagem construída, entendida como um produto e carregada de intencionalidade por parte do seu produtor, seja ele o pintor, o fotógrafo ou a pessoa que trata a imagem digitalmente, utilizando recursos específicos para esse fim. A semiótica também pode servir como ferramenta para a análise de audiovisuais, como se verificará a seguir.

No caso específico de imagens e audiovisuais, deve-se levar em conta o produtor da imagem. Além disso, fatores técnicos que podem alterar a produção de seu sentido. Por exemplo: diferenças em fotografar um ambiente externo ou interno, a quantidade de luz empregada, tipo de equipamentos, cenário ou paisagem, tudo isso aliado ao personagem principal dessa produção, que é o espectador. Isso mesmo, o principal elemento na composição de uma imagem é o seu observador, pois é para ele que a imagem é construída.

Vamos pensar no caso específico da fotografia. Existem, portanto, três elementos distintos: o fotógrafo, o elemento fotografado e o observador. Ou, como no caso da pintura, o pintor, o elemento retratado e o observador para quem a imagem é produzida. Acompanhe o exemplo dado por VIEIRA no fragmento a seguir, quanto ao caso da fotografia:

Um pesquisador, estudando o carnaval através de fotos, só conseguiu identificar algumas bastante antigas como fotos carnavalescas a partir de legendas dos jornais e revistas que as publicaram. Isto porque essas fotos não continham nenhum dos elementos que coincidissem com as representações que o pesquisador faz do carnaval (confetes, serpentinas, fantasia, máscara). Com isso queremos dizer da importância do campo conceitual comum aos agentes sociais, entendidos enquanto pesquisador, carnavalescos e fotógrafo, para a compreensão do objeto. (VIEIRA, 2002, p. 23).

Nesse sentido, o pesquisador deve tentar responder a uma questão crucial: por que as pessoas, objetos, cenário etc. foram representados daquela determinada maneira?

Analise as seguintes imagens:



Figura 16 - O Primeiro-Cônsul Napoleão cruzando os Alpes no passo de Grand-Saint-Bernard, por Jacques-Louis David (1800).

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro: David_napoleon.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:David_napoleon.jpg)



Figura 17 - Napoléon abdica em Fontainebleau (1840), por Paul Delaroche

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:DelarocheNapoleon.jpg>

Ao se comparar as duas imagens, que se referem ao mesmo personagem histórico – Napoleão –, percebem-se grandes diferenças de representação na figura do imperador. As imagens foram feitas (sob encomenda) em períodos diferentes e situações bem distintas. Faça um rápido exercício de leitura da imagem e responda às questões:

- Qual a ideia sobre Napoleão que as duas imagens queriam transmitir?
- Quais os significados de tais representações?
- Quais eram os intuitos de construir essas imagens?

Audiovisuais

E o cinema? Ou documentários? Como utilizar produções audiovisuais em pesquisas históricas? Como analisar o caráter dessa produção? É mercadoria? É produção artística? É fruto de avanços tecnológicos?

As produções em audiovisuais (sejam elas cinematográficas, televisivas ou mídias para a internet) utilizam uma linguagem própria que transmite valores, ideias, ações e sentimentos. Sendo assim, da mesma forma que você observou para o tratamento de outros tipos de fontes, deverá analisar aspectos referentes à forma e ao conteúdo desse tipo de imagem em movimento.

Ao iniciar a pesquisa utilizando fontes audiovisuais, levante o máximo de dados sobre o contexto da produção, data e local, autor, diretor, personagens, cenários, externas, público a que se dirige, regime político, contexto sócio-histórico etc. Você deve perceber a obra como uma leitura sobre a realidade. Dessa forma, denomina-se o tema, o contexto de um filme, por exemplo, como “realidade figurada”. Esta, por sua vez, transmite mensagens de acordo com um conteúdo latente, respaldando-se por um universo de símbolos (como você já pôde observar no caso das imagens fixas).

Marc Ferro, um dos primeiros historiadores a tratar da questão do cinema como fonte, ressalta que um filme não tem somente significações cinematográficas, mas também é testemunhal, traz elementos de uma realidade vivida através de representações. Ou seja, não é a realidade que está contida na película, mas interpretações, leituras a seu respeito. Da mesma forma como ocorrem em outros tipos de fontes, as audiovisuais são construções repletas de intencionalidades.

De acordo com Cardoso, cinema é uma narrativa e, por conta disso, deve ser considerado como texto. Imagens e sons combinados, estruturados pela adoção de uma técnica específica; textos (legendas); fala dos personagens; trilha sonora; efeitos especiais; silêncios. Assim, devem ser levadas em conta tecnologias e limitações de cada época, bem como as visões de mundo pertinentes ao universo do autor/produtor da obra e pessoas envolvidas no projeto.

Tomemos como exemplo o caso da produção “2001 - Uma odisseia no espaço”, dirigida por Stanley Kubrick em 1968. Numa das cenas iniciais,

o primata pré-histórico descobre uma utilização inovadora para o osso: este se torna uma alavanca e depois uma arma. Segundos após, o mesmo osso é arremessado ao céu. A cena culmina em uma nave espacial, um recurso tecnológico bastante sofisticado para a época. Propomos aqui outro exercício de leitura da imagem. Tente responder aos questionamentos:

- O que essa narração representa?
- Qual o significado da cena em que o osso é arremessado ao céu?
- Quais as intenções do autor ao editar essas cenas?

Sem que haja nenhum tipo de comunicação verbal ou legendas explicativas, consegue-se perceber o contexto da cena e realizar uma leitura sobre seu conteúdo; ou seja, existem símbolos inseridos na cena que permitem sua compreensão. Mesmo não se tratando de um texto escrito, com elementos comuns à linguagem não verbal de nossa cultura, conseguimos perceber do que se trata. Primeiramente, de uma descoberta que muda a maneira como as sociedades se relacionam, a partir do poder gerado pela posse de um instrumento que se transforma em um objeto capaz de matar e intimidar o outro. Num segundo momento, transmite-se a noção da passagem de tempo de toda a história da humanidade, do período pré-histórico para a “era espacial”, como numa fração de segundos.

Esta é apenas uma simples possibilidade de interpretação que aborda poucos segundos de filme. Aproveitando o mesmo exemplo, você deverá ter clara a opção de analisar um fragmento ou a obra na íntegra. Independentemente do recorte realizado, de qualquer modo, é importante que você perceba a obra como produção social de um dado momento histórico e não apenas a utilize na pesquisa como recurso ilustrativo ou complemento. Para ter mais embasamento sobre a utilização desse tipo de fonte, opte pela perspectiva transdisciplinar ou multidisciplinar, ou seja, dialogue com outras disciplinas como Comunicação, Artes Visuais, Sociologia, entre outras, e faça a correlação histórica do filme com sua época.

SEÇÃO 4

HISTÓRIA ORAL E DEPOIMENTOS

Um documento originado através de uma fonte oral é produzido pelo próprio historiador, desde o recorte espaço-temporal, seleção do tema e do(s) entrevistado(s). Ao contrário de outros tipos de fontes, que estão colocadas em acervos, museus etc. e que foram produzidas por outras sociedades em outras épocas, ao coletar um depoimento o historiador desenvolve a tarefa de transformar essa entrevista em fonte histórica, por meio do tratamento das informações; ou seja, essas informações são permeadas pela intervenção do pesquisador. Por isso, é necessário tomar determinados cuidados e definir os critérios teórico-metodológicos que conduzirão esse tratamento da fonte. É dessa forma que a credibilidade do documento será garantida.

Por se tratar de uma fonte que é produzida pelo próprio historiador, esta seção foi dividida em duas partes. Inicialmente discutiremos como ocorre o processo de produção da fonte oral, quais os passos básicos para seu encaminhamento e técnicas utilizadas para essa composição. E, na segunda parte, será abordado o método historiográfico de tratamento dessa fonte após sua produção, para que, enfim, possa ser utilizado em sua pesquisa.

Comece por entrevistas exploratórias

As entrevistas nesta fase investigativa têm como objetivo ser uma fonte precisa de informação, mas podem apresentar aspectos do problema que ainda não haviam sido pensados. É importante lembrar que a entrevista é em si um processo que envolve o entrevistador, o entrevistado e o problema a ele colocado. Durante o desenvolvimento do discurso são acionadas as vivências, os sentimentos e valores que também estão em constantes mudanças na vida do entrevistado.

Quando é solicitado a discorrer sobre algum aspecto da realidade que interessa ao entrevistador, o entrevistado recorre à memória, que se constitui de elementos singulares e sociais. Portanto, o discurso emitido pelo entrevistado reflete a simultaneidade das dimensões social e individual e, mais que isso, uma versão sempre provisória, à medida que

o ato de lembrar o passado envolve o tempo presente e sempre é possível que novos elementos influenciem as versões sobre o que já passou, conforme afirma Bosi (1998).

Nesse sentido, o resultado de uma entrevista é o resultado de uma complexa elaboração do pensamento, que deve ser utilizada para ultrapassar nossas próprias interpretações do fenômeno estudado. Atenção: nesse momento, não se preocupe em utilizar o discurso da entrevista a partir de técnicas de análise de conteúdo sofisticadas. Procure escutar várias vezes a entrevista e tome nota das ideias que surgirem. Fale com seus colegas, conte a eles as suas experiências e peça-lhes que discutam as suas ideias. Jamais se envergonhe de estar aprendendo, pois só cresce quem se expõe.

Produção de fontes orais

As entrevistas com algumas pessoas relevantes à especificidade do campo explorado nesse momento têm como objetivo iluminar alguns aspectos do fenômeno estudado que ainda não foram pensados pelo pesquisador. É importante que as **entrevistas exploratórias** sejam abertas e flexíveis e atentem para as seguintes observações:

- Evite colocar perguntas demasiado numerosas e detalhadas, que se assemelham a um inquérito ou interrogatório. Um bom começo é fazer uso de entrevistas pouco diretivas. Lembre-se de que seu objetivo deve ser ouvir muito mais do que perguntar. Não é o momento de encontrar os subsídios necessários para qualificar sua pergunta de partida. Afinal, você ainda está no início dos trabalhos!
- Desarme-se de suas certezas, relaxe seu espírito a fim de descobrir novas maneiras de expor a problemática. Ouça atentamente as opiniões e relatos, pois é nessa rica relação de muitas trocas e descobertas que o investigador cria e renova suas ideias.
- Lembre-se de que, no contato direto com o campo de pesquisa, você é um investigador! Não caia na armadilha de convencer a si mesmo de que aquelas ideias pré-concebidas estão confirmadas e você realmente é um gênio que só precisa da pesquisa para legitimar aquilo que você já sabia. Esse caminho leva-o, inevitavelmente, ao fracasso!

- Procure interlocutores importantes para a pesquisa, como docentes e investigadores. No domínio da investigação exigido pela pergunta de partida, eles são pessoas bastante úteis na fase exploratória. Essas pessoas certamente já auxiliaram na orientação de suas leituras e agora também podem apoiar o conhecimento do fenômeno através do relato de suas próprias pesquisas, dos seus procedimentos metodológicos, das surpresas e problemas que, inevitavelmente, já enfrentaram. Lembre-se de que é muito importante que sua pergunta de partida esteja clara para que a pessoa entrevistada possa efetivamente ajudar na condução do seu trabalho.

- As testemunhas privilegiadas são também pessoas que podem auxiliar na fase de exploração da pesquisa. Normalmente são pessoas que, pela sua posição, pela sua ação, ou pelas suas responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema. Em geral, são pessoas cuja atividade profissional ou atuação política está diretamente relacionada ao fenômeno estudado.

- O público a quem o estudo diretamente diz respeito constitui um útil interlocutor. É sempre importante prestar atenção na diversidade de ideias e posições existentes em determinados grupos menos falantes e mais reservados, que em geral podem indicar pistas relevantes para a pesquisa.

Condução da entrevista

Ao ceder seu tempo para uma entrevista, o entrevistado conta com o fato de que todas as informações concedidas por ele (mesmo naquele primeiro contato) serão incorporadas à pesquisa. Contudo, esse material deve ser analisado e deve dialogar com o restante das fontes e caminho teórico-metodológico. Além disso, você deve perceber que também a entrevista é uma representação do real. O entrevistado vai querer validar uma versão própria de seu discurso para a pesquisa. Por isso, você deve aguçar seu espírito crítico no sentido de perceber que a versão do interlocutor é uma das possíveis leituras da realidade, por mais envolvido com o fenômeno que esse sujeito estivesse.

Quaisquer manuais metodológicos e livros de normas para

confeção de fontes orais apontam que não existem receitas prontas para esse processo. Entretanto, devem ser seguidos alguns passos básicos, como os apresentados a seguir:

- Agende antecipadamente local, dia e horário – evite fazer entrevistas por telefone, programas de conversação virtuais ou via email. Um primeiro contato ou agendamento pode ser realizado a partir desses recursos, mas nunca a entrevista.
- As entrevistas devem ser individuais; casais, ou pais e filhos, amigos são situações que devem ser evitadas. Marque horários diferentes para cada um, mesmo que tenha como objetivo abordar o mesmo assunto com mais de um interlocutor.
- Explique ao entrevistado por que ele foi escolhido para essa entrevista e o que o levou a essa escolha. Isso transmite confiança ao entrevistado e transparência ao processo.
- Restrinja o número de perguntas durante a entrevista, para que o interlocutor fale com liberdade: pondere suas intervenções ou enfatize aspectos mais importantes de forma bem sutil, sem que o entrevistado perceba que você está conduzindo a situação, mesmo que ele seja influenciado por um comentário ou pergunta. Dessa forma ele não se preocupará em tentar atender às suas expectativas.
- Deixe-o expressar-se de acordo com sua própria realidade, linguagem e quadros de referência. Não tente inferir no conteúdo da entrevista, evitando expressões faciais de concordância ou descontentamento com a fala do entrevistado. Se isso ocorrer, a possibilidade de fracasso será grande, pois o interlocutor desvinculará o real objetivo da entrevista, focando apenas as expectativas do entrevistador, e não fornecerá elementos novos de análise do fenômeno.
- Não manifeste opiniões ou debata algum tema relacionado a seu objeto, nem defenda seu posicionamento durante a entrevista; você poderá fazê-lo após o término do encontro.

- Escolha com cuidado o contexto e o espaço físico no qual ocorrerá a entrevista. Isso envolve análise de tempo, local e presença de outras pessoas durante a conversa. O contexto influencia muito na qualidade das informações e reflexões do entrevistado.
- Procure concentrar sua atenção e dirigir seu corpo diretamente para o entrevistado. Desligue celulares e procure não ficar olhando no relógio. Dedique toda sua atenção para esse momento.
- Fique preparado para enfrentar situações em que emoções sejam evocadas pela narrativa, como lembranças de morte, doença, guerra etc. Tente não demonstrar qualquer constrangimento nesses casos, para que sua reação não comprometa o restante da entrevista ou até mesmo outros encontros posteriores.
- Não é aconselhável você demonstrar que “sabe tudo” sobre o assunto em questão, pois o entrevistado pode sentir-se constrangido, o que impede a espontaneidade. Por outro lado, também não é recomendável que se vá a uma entrevista sem nada saber sobre o depoente e o assunto a ser tratado.
- Na medida em que a entrevista for ocorrendo, lapsos temporais podem surgir. Evite colocar palavras “na boca” do entrevistado; não manifeste preferências, ideologias ou opiniões pessoais, como já foi citado. E também tente não interromper o depoimento, isso gera inibição.
- Tenha cuidado extra com materiais de gravação. São mais comuns do que se pensa casos em que o pesquisador deixa o interlocutor falar e, só depois de terminada a conversa, constata que o mecanismo de gravação não funcionou durante todo o tempo da entrevista.
- Anote apenas o indispensável. Descreva apenas aquilo que o gravador não consegue capturar: expressões faciais, fatores externos à entrevista que não são registrados pelo gravador de áudio, como a grafia de nomes citados, por exemplo. Se puder

contar com um gravador de vídeo, essa pode ser uma possibilidade interessante.

- O entrevistado pode e deve ler o material depois do devido tratamento. Assim, poderá questionar, solicitar alteração ou mesmo a supressão de alguma parte da entrevista. Após a leitura e parecer do entrevistado, o documento pode ser utilizado como fonte documental para a pesquisa.

- Antes de iniciar a entrevista, você precisa solicitar uma autorização por escrito do entrevistado, mas ela não precisa ser levada no primeiro encontro ou na entrevista exploratória. Esse documento chama-se Termo de autorização de divulgação de depoimento e pode ser emitido pela própria instituição pela qual você realiza a pesquisa. Esse documento deve conter as características da entrevista, sua finalidade, meios de divulgação (se impresso, internet, rádio, televisão), destinação e aplicação.



Mesmo seguindo as regras gerais colocadas, o sucesso da entrevista depende da dinâmica de interação entre o entrevistador e o entrevistado, e é sempre o primeiro quem deve ajustar seu comportamento ao segundo com flexibilidade e pertinência, pois cada entrevista é um momento único, impossível de ser reproduzido em sua totalidade.

Na elaboração de um roteiro (que não pode ser um esquema rígido), deve-se contar com imprevistos e informações surpresa; por outro lado, tente evitar questões não levantadas anteriormente, procure preparar o entrevistado para a ocasião. O roteiro é um documento de uso do pesquisador, não precisa necessariamente ser visto pelo entrevistado. Caso isso aconteça, leve em conta que o entrevistado perderá a espontaneidade, na medida em que, ao preparar-se para seguir um roteiro, ele estruturará a narrativa.

Como utilizar as entrevistas: metodologia para utilização de fontes orais

A história oral surgiu da necessidade de “dar voz” aos sujeitos sociais que não recebiam devido destaque na historiografia tradicional, como trabalhadores, mulheres, soldados, operários, entre outros grupos. Proposta com base na história ou experiência de vida, a metodologia tem por princípio a representação que o entrevistado tem ou teve de

determinado fenômeno vivenciado por ele. Por esse motivo, a expressão contida no depoimento não pode ser tomada como sinônimo de verdade, como já frisado anteriormente. Deve-se ter em conta a afetividade, as impressões que o entrevistado tem desse objeto/assunto abordado.

Existem duas possibilidades:

- **Entrevista de história de vida:** neste caso, o pesquisador tenta abordar o maior número possível de aspectos da experiência de vida do sujeito. O foco desse tipo de entrevista é o ator social, o indivíduo e sua trajetória de vida. Esse tipo de entrevista demanda vários encontros e entrevistas com longa duração. A entrevista não é direcionada. Fazem-se perguntas mais gerais e deixa-se o interlocutor pronunciar-se conforme a necessidade dele.

- **Entrevista episódica:** essa modalidade de registro aborda um acontecimento específico e predeterminado na vida do sujeito. Aqui, o enfoque é dado a um evento, a um fenômeno. Existe um maior direcionamento das perguntas, diferentemente do modelo anterior. O foco é mais delimitado, mas isso não quer dizer que se deve “cortar” a fala do entrevistado se ele se distanciar do assunto em questão. Nesse caso, deve-se esperar uma oportunidade e, gentilmente, abordar novamente o assunto a que se confere destaque. Neste tipo de entrevista a importância de aspectos biográficos e pessoais deve ser minimizada. Lembre-se: é fundamental evitar qualquer tipo de constrangimento durante a entrevista.

Transcrição

Após a execução da entrevista, deve ser realizada a transcrição, que é a transposição do material oral (áudio) para sua forma escrita. Essa fase demanda tempo e dedicação. Estima-se que, para cada hora de gravação, seja utilizado pelo menos o triplo desse tempo para transcrição. Inicie o documento escrito descrevendo o nome do entrevistado, data e local da entrevista.

Quanto à edição do texto, é importante não fazer acréscimos ao depoimento. Estabeleça um padrão para a formatação das entrevistas. Por exemplo, se definir que a fala original do entrevistado deve ser mantida,

permaneça com esse padrão até o final da transcrição. Isso ocorre em casos como a transcrição de "né" para "não é". Deve-se optar por manter os vícios de linguagem da forma coloquial ou transformá-los em norma culta, sem que isso altere ou prejudique o conteúdo da entrevista. Fica a seu critério. Em determinados casos, é necessário fazer adaptações da linguagem falada para a linguagem escrita, de acordo com a forma de se expressar de cada depoente e, suprimir termos (daí, é....., que, então..) que se repetam por muitas vezes.

Mantenha a prática de introduzir notas de rodapé ou comentários a cada vez que se faz uma inserção no texto original, durante a edição. Tudo que for acrescentado por você deve constar em um padrão diferenciado, para não ser confundido com a fala do interlocutor. Utilize, por exemplo, o recurso "inserir comentário" do editor de texto de sua preferência.

Ao terminar a transcrição, você deve realizar uma revisão minuciosa do texto. Pode optar por passar essa tarefa para outra pessoa, que insira comentários e não altere definitivamente o texto. Alguém que possa fazer uma correção gramatical se for essa a decisão tomada por você. Nesse caso, quando for descrever sua linha teórico-metodológica, essa opção deve aparecer e ficar clara para o leitor de sua pesquisa.

Ao finalizar seu trabalho de pesquisa e a redação de seu texto de transcrição, você pode optar por inserir os depoimentos como anexos ao final do trabalho. Pode colocá-los parcialmente ou na íntegra. Lembre-se de que a entrevista pode ser aproveitada por outros profissionais para a elaboração de artigos ou livros: esse aproveitamento historiográfico depende do meio de divulgação, internet, por exemplo, que permite o acesso da fonte oral a um maior número de pessoas. Por isso, você deve fazer cópias do arquivo de áudio e também do texto transcrito para possíveis utilizações posteriores, além de ser uma maneira de prevenir a perda dos arquivos referentes a esse depoimento.

Atenção: a entrevista não deve ter um fim em si mesma. Ela corresponde a uma etapa de um projeto maior que é a pesquisa. Por isso, seguem aqui algumas recomendações e sistematizações do que já se há publicado sobre metodologia para trabalho com fontes orais. Antes de iniciar o processo, você deve ter clareza de quais os objetivos a serem atingidos com essa(s) entrevista(s) e quais os procedimentos adotados para tanto.

Acompanhe abaixo um fragmento de uma entrevista:

Meu avô caçava na Serra do Mar. Os preparativos para cada expedição duravam dias, semanas até. Começava pela feitura dos cartuchos no quarto de dormir, que permanecia vetado para nós, as crianças. De longe, ficávamos admirando o avô, a cortar quadrados de papel grosso, enrolá-los um a um com suas mãos ásperas, enchê-los de pólvora, colocar a espoleta. Aos poucos, ia surgindo sobre a cômoda um montinho de canudos brancos de pontas douradas.

Depois era a vez dos apitos. O avô e seu primo Cássio tinham uma coleção deles, de madeiras de vários tons, cada um com o canto de um pássaro. Era divertido ver os dois tomarem conta da cozinha de minha avó, a sacola de lona verde aberta sobre os ladrilhos, panos macios para a limpeza das peças e, de vez em quando, um sopro naquelas flautas mágicas, que enchiam a casa com os sons da floresta. [...]

Aos poucos a casa ia voltando à normalidade e meu avô se aquietava, depois de guardar todo o material para uma próxima vez. Da mata nosso herói partia para o quatinho das ferramentas, onde durante horas ficava lidando com seus inventos, elétricos e mecânicos. Muitos deles davam certo, como o cortador de grama feito com a hélice de um ventilador.

Depois, cansado, o avô tocava violino no serrote para nós ou prendia a rede nas árvores do jardim e ficava se embalando, ao som das folhas sopradas pela brisa...

Depoimento de Madô Martins. "O violino do vovô".

Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/blogs/historiadodia/index.php?i=785>

Perceba como o texto se apresenta e a forma de se expressar utilizada pela pessoa entrevistada. A linguagem é formal. Diferente da que ela usaria numa conversa, influenciada por suas memórias e o saudosismo, por exemplo. Nesse caso, pode-se pensar duas coisas: ou a própria pessoa escreveu o depoimento tomando os cuidados necessários para deixar o texto correto do ponto de vista gramatical, ou o pesquisador que coletou

as informações tratou o texto, transformando-o de linguagem informal e pessoal para linguagem na norma culta.

Para muitos autores, em ambos os casos essa transformação (tratamento do texto) não é indicada, pois deixa de transmitir as emoções, sentimentos do momento da entrevista. Mas, para outros pesquisadores, o texto cheio de termos como "choro", "risos", "né", "daí..." e mesmo "pausa", fica cansativo ao leitor. Em todo caso, como dito anteriormente, a opção na transcrição é sua.

SEÇÃO 5

OBJETOS E CULTURA MATERIAL

A cultura material trata de toda produção humana não escrita. Podem ser elencados como fontes materiais: objetos de uso pessoal, roupas, artefatos, cerâmicas, ferramentas feitas em madeira, pedra e metal, moedas, joias, construções arquitetônicas, monumentos, maquinários, habitações, entre outros exemplos que justifiquem um modo de comportamento social. São, portanto, vestígios concretos do ponto de vista material de qualquer atividade humana. Como afirma Lucien Febvre, em *Combates pela história*, no fragmento abaixo:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta de flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que pertence ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (FEBVRE, 1985, p. 249).

Existem diversos museus que contam com acervos desses tipos de fontes históricas. Entretanto, muitas dessas coleções são fragmentadas, pois derivam de doações particulares ou pesquisas inacabadas, e são focos de problemas logísticos como falta de espaço físico e tratamento adequado por pessoal devidamente preparado para funções como

armazenamento, acondicionamento, higienização e catalogação. Outras vezes, uma coleção fica desmembrada por conta de critérios de seleção feitos pelo próprio doador.

Esses vestígios materiais podem ser utilizados em pesquisas históricas, desde que, assim como no caso de outros tipos de fontes, estejam contextualizados e devidamente justificados na problemática da investigação. Caso contrário, tornar-se-ão apenas meros recursos ilustrativos.

Inicialmente, deve-se proceder com a leitura iconográfica desse objeto, ou seja, deve-se levantar dados sobre produção (data e local), utilização, proprietário (se particular ou institucional), os quais podem ser realizados com o devido auxílio de disciplinas como a Etnografia e a Arqueologia. Uma alternativa interessante é o fichamento descritivo desses documentos. Apresente informações como data (se não precisa, ao menos aproximada) e local, dimensões (tamanho e peso), materiais utilizados em sua fabricação, fabricante/produtor etc. A partir do processamento dessas informações, definem-se ferramentas interpretativas necessárias para o tipo de cada material. Assim, deve-se contextualizar com outras informações disponíveis sobre o mesmo período histórico e local de produção.

Segundo Carvalho (2008), a ação humana é intermediada pelos objetos, artefatos e pelos espaços. Ulpiano T. B. de Menezes, em concordância com Carvalho, aponta que

a cultura material não goza propriamente de um estatuto privilegiado nos quadros de honra ao mérito da disciplina histórica [...] Mas, introduz, na sua problemática, a dimensão material, física. A dimensão material não é só a do produto e do produzido, mas é o vetor sensorial que simplesmente torna possível a cultura e a vida social. (MENEZES, apud CARVALHO, 2008, p. 11).

Contudo, a relevância dos objetos na reconstrução de práticas e relações sociais como evidências para História deve ser levada em conta, pois

o artefato, desse modo, é, ao mesmo tempo, produto e vetor das relações que seus fabricantes e usuários estabelecem em sociedade e, ainda, produtor de seres sociais. É por isso que os especialistas propõem que ele seja tratado como forma social. É também por isso que a história da cultura material de matriz mais sólida e renovadora, hoje em dia, denuncia certo esgotamento das interpretações que se aferram, apenas, a conteúdos simbólicos e ideológicos. (MENEZES, apud CARVALHO, 2008, p. 12).

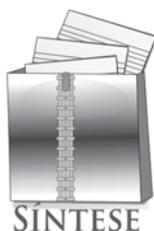
Estudar um artefato de cultura material vai além de expor suas ocupações funcionais, ou seja, não é apenas a utilização prática do objeto que interessa ao historiador: os artefatos nos moldam, nos definem e, por vezes, nos constituem. Interessam-nos tanto as relações oriundas de sua produção e utilização como a, sua circulação e a atribuição de significado que é conferida a eles.

Trata-se de questionar e compreender aspectos sobre a dinâmica da vida cotidiana. Se tomarmos como exemplo a organização e disposição de móveis e objetos dentro do espaço doméstico, até mesmo uma cortina, uma almofada, a disposição de um tapete em uma sala adquirem significado no contexto. A cortina, por exemplo: é ela que divide os espaços, delimita a separação entre o que é visto e o que deve ser ocultado, seleciona a quantidade de claridade que deve iluminar o ambiente. Desse modo, existem padrões de organização material de habitação que podem ser questionados pelo historiador.

Ainda utilizando o mesmo exemplo sobre habitação e ocupação dos espaços domésticos, Carvalho afirma que aos poucos, durante o século XX, a ideia de ornamentação foi sendo substituída pela necessidade de conforto³. O que antes seria necessário por ser considerado belo fora alterado pelo que era também aconchegante, principalmente em se tratando de ambiente familiar. Assim, novos objetos, como móveis, foram fabricados com vistas nesses novos parâmetros. Entretanto, sabe-se que alguns desses móveis ainda continuariam por muito tempo garantindo apenas a primeira condição.

Tente estabelecer diálogo com outras fontes documentais, de forma a preencher possíveis lacunas. Muitas vezes as discussões são complementadas pela articulação entre esses tipos de fontes, denominadas também como tridimensionais, com materiais iconográficos e textuais, o que facilita sua contextualização.

³ Deve ser levada em conta também a relação do conforto com as possibilidades viabilizadas pelo desenvolvimento tecnológico da época.



SÍNTESE

Você finalizou a unidade IV e, com ela, adquiriu conhecimentos sobre o tratamento dado a diversas tipologias de fontes, além da escrita, como imagens, audiovisuais, fontes orais e fontes objetos, também apresentados sob a denominação cultura material. Foram elucidadas diferentes metodologias para o tratamento de cada tipo de fonte. Você pode consultar as referências no final deste livro e aprofundar discussões ou buscar outros referenciais teórico-metodológicos. O importante é perceber que cada tipo de fonte requer tratamento e metodologia específicos, que devem ser contemplados conforme o tipo de material que você optar por utilizar em sua pesquisa. A seguir, na última unidade, será contemplada a elaboração do projeto, para o qual toda a disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa II foi pensada.



ATIVIDADES

1. **COM FONTES DOCUMENTAIS:** Leia o Capítulo “Uso e mau uso dos arquivos”, de Carlos Bacellar, parte da obra *Fontes Históricas* (organizada por Carla B. Pinsky). Verifique o tipo de arquivo a ser utilizado em sua pesquisa (Poder Público, Cartorial, Eclesiástico ou Privado) e produza uma síntese em uma lauda sobre a metodologia a ser aplicada nesse caso.

2. **COM IMAGENS:** De acordo com o tema de sua pesquisa, busque arquivos em imagens (se for pertinente). Em um editor de texto, monte uma planilha para registrar informações sobre essa coleção de imagens. Sua planilha deve conter dados descritivos dessas imagens (nome do autor/ produtor; estabelecimento comercial; data; assunto/tema retratado; número da chapa etc.).

3. **COM FONTES ORAIS:** Leia os artigos abaixo citados e produza um roteiro de entrevista baseado no seu objeto:

http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf

http://portaleses.icict.fiocruz.br/transf.php?script=thes_chap&id=00002202&lng=pt&nrm=iso

4. **COM FONTES ORAIS:** Acesse o portal do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação Histórica da Fundação Getúlio Vargas) no endereço eletrônico citado abaixo e encontre um depoimento que trate da sua temática de pesquisa. <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral/entrevistas>

5. **COM CULTURA MATERIAL E OBJETOS:** Busque, a respeito de seu tema de pesquisa, acervos de fontes de cultura material (lembre-se do que foi abordado na última seção dessa unidade). Liste de duas a cinco dessas fontes, como se fosse proceder com a catalogação desses objetos para sua pesquisa. Não se esqueça de citar o local em que essas fontes estão disponibilizadas para pesquisa (no caso de museus), ou se são acervos privados.

